

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

TIAGO DE PAULA RODRIGUES

A PESSOA HUMANA NA ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN

ANÁPOLIS
2016

TIAGO DE PAULA RODRIGUES

A PESSOA HUMANA NA ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Ms. Pe. João Batista A. P. Ferraz Costa

ANÁPOLIS

2016

RODRIGUES, Tiago de Paula

A pessoa humana na antropologia de Edith Stein / Tiago de Paula Rodrigues. Anápolis, 2016.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Filosofia – Faculdade Católica de Anápolis – 2016.

1. Edith Stein – fenomenologia. 2. Pessoa humana. I. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

TIAGO DE PAULA RODRIGUES

A pessoa humana na antropologia de Edith Stein.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia, da
Faculdade Católica de Anápolis, como
requisito parcial para obtenção do título
de licenciado em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

1. Prof. Ms. Pe. João Batista de A. P. Ferraz Costa (Orientador) _____
2. Profa. Dra. Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (Leitor) _____
3. Prof. Esp. Ednaldo Maximiano da Silva (Leitor) _____

Dedico este trabalho a todos que procuram, todos os dias, compreender o homem, como imagem e semelhança de Deus, como pessoa humana.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Deus de amor pelo dom da vida e pela oportunidade de, à luz da fé e da razão, contemplá-lo como meu Criador.

À minha família pela paciência e força na preparação deste trabalho.

À Ordem dos Frades Menores, tanto da Província Santíssimo Nome de Jesus como da Província Santa Cruz, que me propiciaram o gosto pela filosofia.

À todos os meus professores e amigos de sala que, a cada dia, me incentivaram o cultivo e o amor pela sabedoria, bem como contribuíram para o meu crescimento como pessoa humana.

Finalmente, e de modo especial, agradeço ao meu professor e orientador Pe. João Batista A. P. Ferraz que tornou possível a realização deste trabalho.

A tendência para a pessoa justifica-se objetivamente e é valiosa porque, de fato, pessoa está acima de todos os valores objetivos. Toda verdade precisa ser reconhecida por pessoas, toda beleza precisa ser vista e avaliada por pessoas. Nesse sentido, todos os valores objetivos estão aí para as pessoas. Atrás de tudo o que há de valioso no mundo está a pessoa do criador que, como seu protótipo, encerra em si todos os valores imagináveis e os excede. Entre as criaturas, o mais elevado é aquele que foi criado à sua imagem exatamente na personalidade, ou seja – no âmbito de nossa experiência – o ser humano. (Edith Stein)

RESUMO

RODRIGUES, Tiago de Paula. *A pessoa humana na antropologia de Edith Stein*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Filosofia) – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2016.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a vida, a filosofia e a compreensão da pessoa humana no pensamento da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942). Desse modo, usamos como base de nossa pesquisa duas obras elementares na vida da autora, a saber: *A estrutura da pessoa humana* (1951) e *Ser finito e ser Eterno* (1951). A primeira faz uma abordagem trabalhando a pessoa humana a partir do tripé: antropologia, metafísica e pedagogia, pois é através deste estudo que ela compreenderá o homem como um todo; a segunda apresenta a compreensão do sentido de ser finito (homem) e de ser eterno (Deus), bem como busca entender e elucidar o sentido e o fundamento do ser. Partindo do questionamento quem é o homem? Stein, usando da fenomenologia e da filosofia cristã, defende com muita clareza a dignidade humana, que, segundo a sua visão, estaria baseada no princípio de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Este é o sentido incrivelmente prático de sua filosofia do ser: a existência finita do homem compartilha da existência eterna de Deus. Edith Stein, por conseguinte, nos apresenta um pensamento novo no que tange a pessoa humana e, por isso, é uma filósofa importante na filosofia contemporânea.

Palavras-chave: Edith Stein, fenomenologia, filosofia cristã, homem, Deus.

ABSTRACT

RODRIGUES, Tiago de Paula. *The human person in anthropology of Edith Stein*. Work Completion of course (Philosophy Course) – Catholic Faculty of Anápolis, Anápolis, 2016.

This study aims to present the life, philosophy and understanding of the human person at the thought of German philosopher Edith Stein (1891-1942). Thus, we use as the basis of our two elementary research works in the life of the author, namely *the structure of the human person* (1933) and *be finite and be Eternal* (1951). The first is an approach working human person from the tripod: anthropology, metaphysics and pedagogy, because it is through this study it understand the whole man; the second shows the understanding of the sense of being finite (man) and be eternal (God), and seeks to understand and elucidate the meaning and ground of being. Starting from the question who is the man? Stein, based on the phenomenology and Christian philosophy, argues very clearly human dignity, which, according to his view, would be based on the principle that man was made in the image and likeness of God. This is incredibly practical sense of his philosophy of being: the finite existence of man shares of eternal existence of God. Edith Stein, therefore, presents us with a new thinking regarding the human person and therefore is an important philosopher in contemporary philosophy.

Keywords: Edith Stein, phenomenology, Christian philosophy, man, God.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EDITH STEIN: EM BUSCA DA VERDADE	13
1.1 EDITH STEIN, UMA MULHER FORTE.....	14
1.2 STEIN, UMA DOUTORA <i>SUMMA CUM LAUDE</i>	22
2 O HOMEM NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA	27
2.1 QUEM É O HOMEM?.....	28
2.2 O HOMEM NA VISÃO DA <i>FIDES ET RATIO</i>	33
3 A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA	35
3.1 O CONCEITO DE PESSOA HUMANA E O HOMEM NO PENSAMENTO STEINIANO.....	36
3.2 A TRÍPLICE ESTRUTURA HUMANA: CORPO – ALMA – ESPÍRITO.....	39
3.3 O HOMEM COMO IMAGEM DE DEUS.....	44
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

“Muitos milagres há, mais o mais portentoso é o homem”.¹ Esta expressão do dramaturgo grego Sófocles, alude muito bem o pensamento da filósofa alemã Edith Stein, a qual desde o berço familiar se preocupou com o sentido da vida e da sua existência. E quando abraçou a vida intelectual buscou, do início ao fim, investigar e elucidar o grande mistério: o homem.

O que é um ser humano? Segundo Filho, rios de tinta já foram gastos para tentar responder a essa pergunta. Há teorias centradas no universal, considerando o indivíduo um mero resultado do meio socioeconômico ou um exemplar de um gênero próprio da natureza, ou ainda o último estágio de um processo evolutivo e de desenvolvimento hereditário. Há também teorias centradas na individualidade, e qualquer aspecto universal parece mera ilusão, convenção ou constructo ideológico.²

Com efeito, diante do mundo no qual vivemos, sem direção e perspectiva, somos influenciados por uma gama de ideologias e, principalmente, pelo relativismo,³ o homem perdeu-se em si mesmo. Hoje cada vez mais estamos preocupados com o momentâneo e com o presente, enfim com aquilo que me agrada aqui e agora, ou ainda nas palavras do apóstolo Paulo: comamos e bebamos porque amanhã morreremos.⁴

Em consequência disso, as pessoas se encontram num grande vazio, ou ainda numa tremenda crise, seja ela econômica, espiritual e, mormente, humana. Perdemos o rumo, deixamos de lado as questões fundamentais que norteiam o homem desde o princípio, perguntas que nos levam a refletir sobre o seu existir e o ser no mundo. Assim, alguns questionamentos são relevantes neste momento crucial em que vivemos, a saber, de onde eu vim? Quem sou eu? Para onde vou?

Sabemos, porém, que o grande vazio que o homem vive hoje é reflexo da tentativa de preencher o ser com coisas supérfluas, por exemplo quando se entrega as novas tecnologias e ao consumismo de modo desenfreado. Com

¹ Cf. SÓFOCLES. A Antígone de Sófocles na transcrição de Guilherme de Almeida – Teatro – Petrópolis: Vozes, 1965, p. 16.

² Cf. FILHO, J. Savian. In: ALFIERI, 2014, p. 13 (prefácio).

³ Cf. JOAO PAULO II. Fides et ratio. 2008, p. 5-12.

⁴ Cf. 1Cor 15,32

efeito, o ser é invadido pelo ter, se o homem já não sabe quem ele é, tampouco terá uma dimensão espiritual, a qual o leve a transcendência.

Desse modo, quando o homem torna-se o centro do universo, Deus é banalizado, conseqüentemente o ser espiritual, a ascese e a confiança em Deus é descartada. Prova disso é a sociedade materialista na qual vivemos e, por conseguinte, o resultado são homens que vivem num mundo alienado, voltado aos prazeres, as paixões e as futilidades, deixando assim o uso da razão e das virtudes. De fato, o homem que procurava e desejava a liberdade acabou-se alienado e perdido, ou seja, perdeu a sua essência de ser pessoa humana e a busca pela verdade.

Entretantes, mesmo vivendo em um mundo caótico, sem sentido para viver, ou ainda sem esperança, nada está perdido. Muitos pensadores dedicam-se incansavelmente seu tempo de estudo para encontrarem respostas, as quais ajudariam o homem a se reencontrar como ser. Todavia, são poucos aqueles que possuem uma visão inovadora e que tenham como base a filosofia cristã. Nesse sentido, destacamos o pensamento inovador de Edith Stein – uma filósofa, monja e mártir – a qual nos traz originalidade em seu pensamento, sobretudo no que tange a antropologia filosófica e na formação do ser como pessoa.

Assim, a filosofia steiniana é fundamentada na fenomenologia de Edmund Husserl, e sua antropologia é baseada nessa escola, bem como na filosofia cristã, pois a partir da sua conversão ao catolicismo, a fenomenóloga experimenta e desfruta das riquezas da filosofia escolástica. Nesta pesquisa, queremos abordar o pensamento de Edith no intuito de não esgotar tudo sobre sua antropologia filosófica, mas antes procurar respostas para os nossos questionamentos, além disso, mostrar as contribuições de tal pensadora para a nossa sociedade que se encontra perdida. Nosso trabalho está dividido em três capítulos, os quais destacamos os fatores elementares do pensamento de Stein.

No primeiro capítulo, abordamos os principais traços biográficos da vida de Edith Stein, a sua convivência familiar, a sua vida acadêmica, o encontro com a filosofia, as suas crises existenciais e a sua conversão à Igreja Católica; além disso, destacamos também os fundamentos elementares para a composição do seu pensamento filosófico e a suas raízes.

No segundo capítulo, fazemos uma abordagem tanto na história da filosofia como na antropologia filosófica sobre a compreensão do homem, pois tal itinerário

se faz necessário para compreender as nuances desse conceito e compreender o ponto de partida da filósofa alemã.

Por fim, no último capítulo, explanamos, a partir das obras *A estrutura da pessoa humana* e *Ser finito e ser eterno*, o entendimento de Stein a respeito do conceito de pessoa humana, o seu pensamento sobre o homem, a sua constituição alma – corpo – espírito e a ideia de homem à imagem de Deus.

1 EDITH STEIN: EM BUSCA DA VERDADE

Filósofa, educadora, monja e teóloga⁵, por excelência, tudo isso caracteriza a pensadora a judia-alemã, Edith Stein, a qual é uma grande mulher de seu tempo. Tal afirmação fazemos motivados pelos seus escritos, pelo seu testemunho de vida, ou ainda, por trazer um pensamento diferente dos que já existiam em sua época. Todavia, por sempre buscar a verdade, a tentativa de conciliação entre fé e razão, por se preocupar com a pessoa humana, bem como salientar em suas obras a importância da educação, a doutora não conseguiu destaque nos grandes centros de estudos filosóficos, ainda mais que ela, antes de morrer na câmara de gás, em Auschwitz-Birkenau, se tornou monja carmelita descalça.

Não obstante, hoje enfiados de tantos pensamentos que distanciam o homem de Deus, queremos apresentar por meio desta pesquisa o pensamento filosófico, sistemático e rigoroso de Edith Stein através das suas duas obras basilares no que diz respeito ao homem e Deus. De um lado temos a obra *A estrutura da pessoa humana*,⁶ na qual a filósofa faz uma abordagem trabalhando a pessoa humana a partir do tripé: antropologia, metafísica e pedagogia, pois é através deste estudo que ela compreenderá o homem como um todo. Por outro lado temos a obra *Ser finito e ser eterno*,⁷ na qual ela apresenta a compreensão do sentido de ser finito (homem) e de ser eterno (Deus), bem como busca entender e elucidar o sentido e o fundamento do ser.

Desse modo, Edith inova no campo filosófico de sua época ao entender a vida do homem como algo que está em uma constante busca. Assim, entende que o homem sendo finito só encontrar-se-á completo quando encontrar, de fato,

⁵ Segundo Sciadini, Edith Stein não é uma teóloga no sentido técnico. Ela é, sim, uma filósofa que soube buscar na fenomenologia de Husserl o que a ajudaria a compreender o pensamento contemporâneo. Tenta ler a fenomenologia à luz de Santo Tomás de Aquino e percebe que é possível dar um passo à frente, tendo a certeza de que a fenomenologia nunca poderá aplicar-se às guerras, à destruição e à morte (cf. STEIN, EDITH. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 2014, p. 4).

⁶ *Der Aufbau der Menschlichen Person. A estrutura da pessoa humana* é uma obra póstuma de Edith Stein, tal estudo é fruto dos seus cursos ministrados durante o ano de 1933, no Instituto de Alemão de Pedagogia científica, em Münster.

⁷ *Endliches und Ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. Ser finito e ser eterno*: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser foi por composta por Edith Stein no Carmelo de Colônia, porém a mesma só foi publicada em 1951, além disso, essa obra é uma reelaboração de sua tese "Ato e potência".

o ser eterno, ou seja, Deus. Stein, por conseguinte, refuta o pensamento judaico,⁸ o qual entende que não há possibilidade do ser finito encontrar-se com o ser eterno.

Com efeito, antes de entrarmos no nosso tema propriamente dito, queremos apresentar alguns aspectos importantes da biografia de Edith Stein para, assim, compreendermos a formulação do seu pensamento e os motivos pelos quais ela chegou às reflexões sobre as questões existenciais do homem. Para facilitar nossa compreensão este capítulo, portanto, será dividido em dois momentos: no primeiro abordaremos os principais fatos de sua vida, fazendo assim apontamentos de sua biografia; e no segundo explanaremos os pontos fundamentais do seu pensamento, elencando aquilo que influenciou sua vida e seus estudos.

1.1 EDITH STEIN, UMA MULHER FORTE

Quem encontrará a mulher forte? Vale mais que as pérolas! (Pr. 31, 10). O escritor sagrado neste versículo do livro dos Provérbios exalta a eficiência e a virtude da mulher ao chamá-la de forte, ou ainda ao compará-la a uma pedra preciosa. O lado forte e guerreiro da mulher é destaque na vida e obra de Edith Stein, pois ela procura lutar e viver aquilo que ela ensina em suas palestras e conferências.

Sabemos que a mulher desde o princípio sofre com grandes preconceitos em diversos campos, na sociedade, na religião, nos meios acadêmicos, enfim por todos os lados. Entretanto, nosso objetivo neste trabalho não é defender ou questionar a mulher e seus valores em si, mas sim mostrar que a mulher forte pode alcançar diversos lugares sem perder a sua essência de mulher e sua feminilidade, algo que é muito caro no pensamento steiniano.⁹

⁸ Cf. SAMUEL, Albert. As religiões hoje. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997, p. 138-178.

⁹ Na obra *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, Edith Stein trabalha com muito afinco, sobretudo no que tange ao “*ethos*” da vocação feminina, a vida da mulher cristã, os fundamentos da formação da mulher, bem como o valor particular da feminilidade no seu significado para a vida do povo. Esta obra foi publicada no Brasil, em 1999, pela editora da Universidade do Sagrado Coração, de Bauru-SP.

Stein, porém, devido a sua condição de mulher, mesmo sendo doutora em filosofia com *summa cum laude*, não conseguiu uma cadeira nas Universidades da Alemanha, unicamente por ser mulher e judia. Assim sendo, a primeira mulher alemã, doutora em filosofia, não ficou tão conhecida nos meios universitários. Hoje, contudo, devido às suas ricas e importantes obras tem, cada vez mais, ganhado destaque no meio acadêmico seja na filosofia, na pedagogia e na psicologia. Aqui no Brasil Edith tem sido estudada muito no campo da psicologia, sobretudo por parte daqueles que se dedicam a educação. Com efeito, tais estudiosos se debruçam em suas obras para compreender de fato o seu pensamento filosófico, pois é da filosofia que Stein encontram fundamentos sólidos tanto para a psicologia como para a pedagogia.

Assim, o período que vai dos meados do século XV ao século XVIII foi marcado por uma série de fatos que transformaram a vida do homem e a sociedade europeia. Inicialmente, destacamos a ruptura entre fé e razão, a qual levou o nascimento de uma tendência social antropocêntrica, que valoriza o homem, deixando de lado a fé cristã e a visão teocêntrica. Em suma, tudo isso culminou no desenvolvimento do racionalismo, corrente filosófica segunda a qual tudo provém da razão.

Segundo Julia (1964, p. 275), o racionalismo é um sistema baseado na razão, o qual afirma que, mesmo se descobrimos nossas ideias em contato com “a experiência”, elas não se originam menos do espírito, e não simplesmente do hábito e da repetição das coisas. Em outras palavras, o racionalismo é uma doutrina que atribui exclusiva confiança à razão humana como instrumento capaz de conhecer a verdade. Como afirma o filósofo francês René Descartes: “não devemos nos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão”.¹⁰

Outros fatores que marcaram este período foram a passagem do feudalismo para o capitalismo, a formação dos Estados nacionais, o movimento da Reforma, o desenvolvimento da ciência natural, a invenção da imprensa. Em consequência disso, todo este desenvolvimento do mundo contemporâneo, tanto econômico como político, levará a sociedade a vivenciar duas grandes Guerras Mundiais, a Primeira entre 1914 a 1919 e a Segunda entre 1939 a 1945.

¹⁰ Cf. DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Maria Ermadina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 5.

O século XX é o momento em que o capitalismo e o modo de vida urbano e industrial alcançaram a plenitude, assumindo diversas e contraditórias faces em todo o planeta. Apesar de seu desenvolvimento, o capitalismo teve que conviver com uma série de adversidades durante toda a primeira metade do século. Despontaram profundas crises econômicas como, por exemplo, a crise de 29; foram armados incríveis confrontos militares em escala quase planetárias (as duas guerras mundiais); ideias totalitárias como o nazifascismo avançaram de maneira preocupante; surgiram novidades e superações, principalmente relacionadas aos meios de comunicação de massa; e, finalmente, os questionamentos tornaram-se mais reais e evidentes, sobretudo das correntes socialistas (BECKER, 1980, p. 501).

Neste contexto nasce filósofa alemã, filha do casal Siegfried Stein e Augusta Courant, ambos de uma fé sólida e fiéis ao judaísmo, Edith Teresa Hedwing Stein nasceu em Breslau, na Silésia, Alemanha, atualmente Wrocław, Polônia, no dia 12 de outubro de 1891, além disso, Edith era a caçula de sete filhos.

Stein não é uma mulher forte somente porque conseguiu, durante a sua vida, muitas conquistas. Antes, porém, teve que demonstrar desde a sua infância sua valentia e força de vontade. Edith ainda não tinha dois anos completos quando perdeu seu pai. Assim, com a perda do esposo a senhora Courant, uma mulher muito rigorosa e prudente, assumiu os negócios da família, haja vista que todos dependiam e sobreviviam do comércio de madeiras. A mãe de Edith Stein sempre foi a coluna de sustento da família:

A senhora Stein era uma hebreia de pura estirpe, orgulhosa disso até as últimas consequências. Exemplar na observância de todos os ritos da religião, zelava severamente para que os filhos seguissem o seu exemplo. As orações eram rezadas em hebraico e todas as cerimônias do Talmude eram fielmente observadas. Consequentemente, até a alegria das crianças era moderada pela austeridade de 'um sacro temor a Deus' (GARCIA e SCIADINI, 1987, p. 23).

Desde pequena Stein era uma menina vivaz, inteligente, simpática e dada ao gosto dos estudos. Prova disso fora o seu contato já na infância com a literatura alemã, diversos poetas e escritores que o seu irmão mais velho fazia questão de apresentar. Com apenas seis anos e, com uma autorização especial, iniciou os seus estudos. Edith sempre se destacou no âmbito escolar, uma de suas companheiras revela como era a filósofa Stein:

Recordo-a como uma jovem reflexiva, silenciosa e, ao mesmo tempo, simpática. Fora de sua vida de estudos, ela tomava parte em nossas

reuniões e jamais era uma desmancha prazeres. Podíamos nos dirigir a ela em todas as dificuldades. Sempre pronta a dar um conselho, seu julgamento era refletido e seguro (GARCIA, 1998, p. 9).

Contudo, Edith nunca escondeu as suas angustias, inquietações e, principalmente no que tange às questões existenciais. Assim, Stein decide deixar os estudos e parte em procura de um novo ambiente. Desse modo, ela passa uma temporada com sua irmã mais velha a senhora Erna, a qual passava por uma crise em sua relação conjugal. Porém, a sua estada em Hamburg fez a jovem Stein amadurecer e repensar a sua vida, em consequência disso, ela retoma os seus estudos e conclui o segundo grau, no colégio Liceu Vitória.

Com efeito, o grande objetivo de Stein era a universidade, mesmo não sendo algo normal para as mulheres de sua época. Além disso, Edith sempre questionava a questão social, preocupava-se com a posição da mulher, bem como lutava pelos os direitos entre homens e mulheres, no sentido de valorizar a pessoa da mulher. Todavia, a mãe de Stein, a senhora Augusta, estava cada dia mais preocupada, pois sua filha já não praticava, como antes, os preceitos judaicos, chegando a se considerar uma atea, porque segundo Stein “o saber humano era o seu sonho constante, ou ainda, a busca da verdade, minha única prece” (GARCIA, 1998, p. 10). Stein era uma jovem consciente, esclarecida e, desde cedo, participava de movimentos estudantis, associações sociais e reuniões de sociedade.

Em 1911, Edith inicia seus estudos filosóficos na Universidade de Breslau, mesmo contrariando o gosto de sua mãe. Contudo, decidida em encontrar a verdade, bem como as respostas para os seus questionamentos, participava de todos os cursos que lhe interessavam, sobretudo para a sua especialização optou pela germanística, história e psicologia. Sobre esta última Stein buscava respostas para seus anseios e, no entanto, sempre as achavam insuficientes, ela mesma esclarece:

Todo meu estudo de psicologia só me serviu para reconhecer que esta ciência se encontra ainda em faixas, faltando-lhe a base de conceitos fundamentais claros e para persuadir-me de que esta ciência não é capaz de formar-se sozinha (STEIN *apud* GARCIA e SCIADINI, 1987, p. 35).

Após o seu contato com o segundo volume da obra *Investigações Lógicas*, de Edmund Husserl,¹¹ Edith muda-se para Gottinga a fim de participar dos cursos ministrados por Husserl, o qual possuía uma grande fama devido seu novo método filosófico, o método fenomenológico (o qual explicaremos mais adiante). Assim, a estada em Gottinga seria crucial em sua vida, primeiro por participar do grupo dos filósofos da iniciante escola de fenomenologia, dos quais destacamos: Adolf Reinach, Martin Heidegger, Max Scheler e Alexandre Koyré; e também por ser a fenomenologia a base do seu pensamento filosófico.

Como citamos anteriormente, Stein, mesmo sendo uma jovem serena e madura, passava por uma crise de existência e muitas questões sociais a incomodavam. Durante o inverno de 1913 a 1914 foi o momento crucial dos seus questionamentos e de suas dúvidas e, neste mesmo período, a filósofa judia se dedicava aos estudos e na preparação de sua tese de doutorado: “continuou trabalhando em um desespero real, [...] era incapaz de andar pela rua sem querer que um carro a atropelasse, levando-a à morte” (NEYMER, 1987, p. 22, nossa tradução).

Edith, devido a sua crise pessoal, não conseguia encontrar sentido para sua vida e, no que tange à fé, a cada dia ela estava distante daquilo que sua querida mãe, a sra. Augusta, lhe ensinara, isto é, a fé judaica. Contudo, no anseio de respostas e no desejo de encontrar a verdade dedicava-se cada dia mais ao estudo da filosofia. Vale ressaltar que Stein queria algo para encerrar o vazio que carregava dentro de si, que atormentava o seu coração, o seu entendimento e sua alma.

No verão de 1914, em consequência da crise entre as potências europeias, estoura a Primeira Guerra Mundial. Assim, Stein sente-se convidada a colaborar como voluntária na Cruz Vermelha, tal experiência lhe traria duas importantes questões: a primeira foi o seu contato com o sofrimento e com a dor

¹¹ Edmund Husserl (1859-1938) nasceu em Prossnitz, na Alemanha; ensinou filosofia na universidade de Göttingen e de Friburgo, até 1929. É o fundador da escola fenomenológica, a qual estuda o objeto tal como se manifesta em sua realidade efetiva, absolutamente puro. O método fenomenológico consta de dois momentos principais: o negativo e o positivo. O negativo, denominado por Husserl epoché, ou redução fenomenológica, é aquele em que se isola o objeto (fenômeno) de tudo aquilo que não lhe próprio, para que possa revelar-se na sua pureza. O momento positivo é aquele no qual o olhar da inteligência dirige-se para a própria coisa, nela imerge e deixa que se manifeste. Por meio da elaboração do método fenomenológico, Husserl ofereceu uma contribuição decisiva para o desenvolvimento do existencialismo, fornecendo-lhe um método de pesquisa que respondia perfeitamente à sua exigência, a de efetuar uma análise pormenorizada da existência humana (MONDIN, 2010, p. 263).

humana; e a segunda foi a pausa em sua pesquisa de doutorado. Com efeito, ao regressar de sua experiência na Cruz Vermelha, Edith volta a dedicar-se ao trabalho de sua pesquisa, este período foi marcado por muita leitura, conversa e discussões com o seu mestre, Husserl, e seus companheiros de estudos. Conseqüentemente, no dia 3 de agosto de 1916, Edith Stein defende sua tese sobre a *Einfühlung*,¹² isto é, a empatia, na Universidade de Albert-Ludwigs, de Friburg. Feldmann (2001, p. 36) afirma: a aluna mais compreensiva de Husserl defendeu sua tese de doutorado com muita tranquilidade, clareza e brilhantismo, obtendo evidentemente o título com distinção máxima, *summa cum laude*.

A jovem Edith, após o seu doutorado, começou uma nova etapa em sua vida, isto entre os anos de 1916 a 1918, fruto da sua convivência com alguns filósofos protestantes, por exemplo, o seu mestre Husserl, o seu amigo Adolf Reinach, como também Max Scheler, o qual se dizia católico. A convivência com essas pessoas, de certo modo, colaborou para colocar em xeque o seu ateísmo. Assim sendo, o seu primeiro contato com o mundo cristão, de fato, se deu com o falecimento de seu amigo Reinach, que faleceu vítima da guerra e cuja bondade era sempre admirada por todos. Com a morte de Reinach, sua esposa solicita Stein uma ajuda para reorganizar, com a intenção de publicá-los, os escritos do falecido. Além disso, na casa da amiga, uma grande surpresa a esperava: o que ela via como desventura, a viúva havia acolhido como participação na cruz sagrada do Senhor. Com efeito, de seu rosto abatido pelo sofrimento, emanava uma luz misteriosa, isto é, a confiança no valor da cruz. Edith, por sua vez, relata sua experiência:

Foi o meu primeiro encontro com a cruz, minha primeira experiência da força divina que da cruz emana e se comunica aos que a abraçam. Pela primeira vez, pude contemplar, em toda a sua resplandecente realidade, a Igreja nascida da paixão salvífica de Cristo, na sua vitória sobre a morte. Foi o momento em que minha incredulidade caiu; empalideceu o hebraísmo e Cristo se elevou radiante diante de mim, Cristo no mistério da cruz (STEIN *apud* GARCIA e SCIADINI, 1987, p. 50).

Em 1921, durante o seu período de férias, Edith ficou hospedada na casa da família protestante dos Conrad-Martius, em Bergzabern, no interior da Alemanha. Stein, como era seu costume, sempre se dedicava à leitura, e como na

¹² O conceito de empatia (*Einfühlung*) foi mencionado e explorado por Edmund Husserl e Edith Stein em momentos distintos de suas investigações. Tratando-se da maneira como o sujeito é capaz de fazer experiência da vivência alheia, a empatia foi objeto de estudo de Stein em sua tese de doutorado orientado por Husserl. Assim Edith, partindo do método fenomenológico, procura esclarecer qual é a essência da empatia e suas implicações antropológicas.

residência dos Conrad-Martius havia uma excelente, rica e variada biblioteca encontrou um livro que lhe despertou muita curiosidade: *A vida de santa Teresa D'Ávila*;¹³ Stein, cheia de espanto, passou a noite lendo o livro da doutora carmelita, e ao final chegou a uma conclusão pessoal: “comecei a leitura e fiquei de tal modo presa que não interrompi até que cheguei ao fim do livro; assim, quando fechei o livro, tive que confessar a mim mesma: esta é a verdade!” (STEIN *apud* GARCIA e SCIADINI, 1987, p. 53).

A partir da leitura de santa Teresa inicia-se o processo de conversão de Edith Stein, a qual recebe o sacramento do batismo, na Igreja Católica, em 1º de janeiro de 1922, recebendo o nome: Teresa Edwiges. Convertida ao catolicismo, dedicou-se aos estudos dos filósofos cristãos, santo Agostinho e santo Tomás de Aquino. Além disso, conviveu com a Irmãs Dominicanas, em Speyer, ministrando aulas no colégio das referidas freiras, como também dedicando-se a conferências abordando diversos temas, sobretudo na defesa da mulher:

Não era a feminista exaltada que gritava igualdade de direitos, era mulher plenamente feminina que, reconhecendo a verdadeira dignidade, chamava as coirmãs do mundo inteiro para assumir sua missão na sociedade, no lar, na vida profissional, na Igreja. Seus discursos, aulas, escritos tinham, em tudo, o cunho de verdadeira cristã e, por isso, eram sinal de contradição. Encontrou logo críticas dos que preferiam o naturalismo, mas prosseguiu sua tarefa com a serenidade e convicção (GARCIA e SCIADINI, 1987, p. 69).

Entretanto, na Alemanha, o partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ganhava força em consequência do crescimento de Adolf Hitler, o qual se tornara um temível ditador que, com grande veemência, defendia a superioridade da raça ariana e a necessidade de preservar essa raça para o futuro da Alemanha; incentivou à formação da comunidade germânica; propagou o antissemitismo; enfim, pregava a necessidade de um espaço vital para a expansão da Alemanha (cf. BECKER, 1980, p. 512).

Assim, o seu primeiro ato seria exonerar do serviço público os não-arianos e, conseqüentemente, Edith teve que se afastar da docência e dos estudos. Porém, Stein, não concordando com os fatos e a opressão nazista

¹³ A autobiografia de Santa Teresa de Jesus, o Livro da Vida, põe ao nosso alcance uma experiência rica de totalidade, fruto de seu encontro com Deus, encontro que esta doutora da Igreja alimentou em sua vida de oração. Esta obra foi fundamental no processo de conversão de nossa filósofa.

contra o seu povo, recorre ao Sumo Pontífice, o papa Pio XI solicitando que escrevesse uma carta em defesa de seu povo. Com efeito, o romano pontífice redige uma carta intitulada de *Mit brennender Sorge*,¹⁴ com a qual condenava a ideologia nazista.

Após deixar a docência e a vida de estudo e movida pela mística carmelitana, Stein ingressa no Carmelo, em Colônia, no dia 14 de outubro de 1933. Sua vida no Carmelo era baseada na simplicidade e humildade, sem jamais deixar sobrepor seu conhecimento intelectual, sua cultura ou ainda sua fama de doutora. No entanto, com a autorização da superiora, Stein escreve duas obras no Carmelo, a saber, *A ciência da cruz*,¹⁵ a qual era uma obra celebrativa em comemoração ao IV centenário de nascimento de São João da Cruz; e a sua obra de maior envergadura filosófica, *Ser finito e ser eterno*.

O complemento pleno a que tende a filosofia enquanto procura da sabedoria é a sabedoria divina, a visão simples que abrange o próprio Deus e tudo o que é criado, certamente não por esforço próprio – é a visão beatífica que Deus lhe oferece, unindo-se a ele. O espírito criado adquire uma participação do conhecimento divino ao viver a vida divina. A maior aproximação deste fim supremo é a visão mística (STEIN *apud* GARCIA e SCIADINI, 1987, p. 89).

A vida de Edith cada vez mais estava ameaçada, devido ao início da Segunda Guerra Mundial em 1939 e à perseguição cada vez mais ferrenha do nazismo contra os judeus. Dessa forma, Stein e sua irmã Rosa mudam-se para Echt, na Holanda, lugar em que ambas permaneceram por pouco tempo, pois no dia 2 de agosto de 1942, foram levadas para o campo de concentração em Westerbork juntas com outros judeus.

Estou contente com tudo. A *Scientia Crucis* pode-se conquistar somente quando sentimos a cruz pesar com todo o seu fardo. Disto estava convencida desde o primeiro momento, e disse de coração: salve, cruz, única esperança (STEIN *apud* FABRETTI, 2012, p. 76).

¹⁴ Carta encíclica do sumo pontífice Pio XI, publicada no dia 14 de março de 1937. O documento cujo título significa *com ardente preocupação* apontava os erros do nacional-socialismo, bem como o racismo.

¹⁵ *Kreuzeswissenschaft: studie über Johannes a Cruce. A ciência da cruz* é o último escrito de Edith Stein antes de padecer na câmara de gás. Tal obra é dedicada ao místico São João da Cruz, e foi escrita a partir de sua experiência mística e de sua maturidade, é datada de 1942.

Edith Stein, ou melhor, Irmã Benedita Teresa da Cruz falece, na câmara de gás de Auschwitz-Birkenau, no dia 9 de agosto de 1942.¹⁶ Faleceu com 51 anos, no holocausto junto com o seu povo e confiante na verdade que encontrara durante toda sua vida. Após apontarmos em linhas gerais um pouco da biografia de Stein, no próximo item falaremos sobre a construção do seu pensamento filosófico.

1.2 STEIN, UMA DOUTORA SUMMA CUM LAUDE

Edith Stein, como vimos, desde pequena se interessou pelos estudos, sempre procurando respostas para as questões que a deixavam inquieta, além disso, tinha um grande amor à verdade. Consoante a isso, nossa pensadora teve grandes influências na sua vida intelectual, seja pelas suas raízes judaicas, pelo gosto da psicologia ou ainda da filosofia, esta última é a qual ela mais se dedicou. Aqui queremos abordar a fundamentação do pensamento steiniano.

Desse modo, o pensamento filosófico de Edith Stein é baseado sobre duas colunas fundamentais. A primeira é a fenomenologia,¹⁷ e a segunda é a busca do

¹⁶ Irmã Teresa Benedita da Cruz, na sua forma latina (*Theresa Benedicta a Cruce*) significa Benedita da Cruz, ou ainda Abençoada pela Cruz. Nela, segundo João Paulo II, caracteriza a síntese dramática do nosso século, acima de tudo a síntese de uma verdade plena do acerca do homem. O processo de canonização de Edith Stein iniciou-se o processo de beatificação. Após todo o levantamento dos dados de sua vida, são entregues à Sagrada Congregação os três processos da serva de Deus: *Super scriptus*, *Super fama*, *Super non cultu* (1972). De 1973 a 1977, conclui-se a tradução italiana dos processos. Em 1º de maio de 1987, dá-se a solene beatificação na catedral de Colônia, na Alemanha. Finalmente, em 11 de outubro de 1998, em Roma é canonizada a carmelita descalça Teresa Benedita da Cruz – Santa Edith Stein. O Sumo Pontífice, ao proclamá-la santa, apresentou-a como modelo a ser seguido no cumprimento da nossa vocação cristã e na busca das verdades eternas. Referindo-se à “esta eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja”, o Santo Padre exortou a todos a compreender a mensagem da dor como uma lição de amor: “o amor torna o sofrimento fecundo, e este, aprofunda aquele” (GARCIA, 1998, 29).

¹⁷ A fenomenologia é um movimento de ampla difusão dentro da filosofia do século XX e tem como seu fundador, Edmund Husserl (1859-1938), na Alemanha. Este movimento se disseminou e influenciou grandes pensadores, tais como Max Scheler (1874-1928) e Martin Heidegger (1908-1961) na Alemanha, Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) na França. Martin Heidegger assume a cátedra de filosofia de Husserl em Friburg e dedica sua obra mais conhecida *Ser e tempo* ao mestre. Seu pensamento assume o método fenomenológico, ainda que sua filosofia seja muito diferenciada daquela de Husserl, voltando-se para a investigação da existência e do sentido do ser, sem fazer uso da redução transcendental. Sartre, por sua vez, absorve o conceito de intencionalidade da consciência da fenomenologia, mas renega a virada idealista de Husserl. Merleau-Ponty adere ao teor da fenomenologia, principalmente, no sentido de buscar a essência da percepção e a essência da consciência, mas mantém sua filosofia a certa distância daquela praticada por Husserl. Existe também a corrente conhecida sob o nome de fenomenologia da religião, cujos principais representantes são Rudolf

diálogo constante com o pensamento de Santo Tomás de Aquino. Ambas as correntes consolidavam o pensamento filosófico de Stein que culminará mormente sobre os estudos voltados para a estrutura da pessoa humana, bem como sobre a importância da educação.

No que tange à antropologia filosófica steiniana, a filósofa procura responder à questão do ser humano, procurando constantemente uma costura entre a fenomenologia e a filosofia católica. Pois em seu tempo muitos filósofos supervalorizaram o homem, chegando a colocá-lo como Deus de si mesmo, como nos apresenta Feuebach, ou de um homem angustiado para Kiekergad, ou um vazio para Sartre, enfim um homem cuja única perspectiva é a morte, segundo Heidegger. Com efeito, temos um afastamento do homem da transcendência, deixando-o submerso na imanência.

Segundo a autora Kusano (2014, p. 20), Stein, discípula de Husserl, investigava profundamente o eu puro, mas também o corpo, a psique e o espírito, ela capta o eu enquanto um ser que habita um corpo que sente, percebe, move-se e abre-se ao mundo e a outros sujeitos. Com sua conversão ao catolicismo e às leituras de Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e do beato João Duns Scotus, amplia sua reflexão para a relação do homem com Deus, aceitando em suas pesquisas os dados da Revelação, bem como o exame da alma fornecido pela mística espanhola.¹⁸ Edith, por sua vez, não se preocupa em abordar somente o eu puro, mas procura fundamentar a pessoa humana como um ser integral que caminha para o transcendente, que para ela é Deus.

Consoante a isso, por um lado a fenomenologia marcará a vida pessoal e intelectual de Edith, pois para a filósofa alemã essa escola é uma nova maneira de olhar o mundo. Garcia, explicando a contribuição fenomenológica no pensamento steiniano, realiza a seguinte síntese:

A fenomenologia deriva do verbo grego *phainestai* (aparecer) e do substantivo *logos* (discurso). Aprender, compreensivamente, a realidade

Oto (1869-1937) e Gerardus van der Leeuw (1890-1950) que, em linhas gerais, usam o método fenomenológico como instrumento para entender a essência da religião e a essência da experiência do sagrado (cf. KUSANO, 2014, p. 28).

¹⁸ A mística de dois nomes: São João da Cruz e Teresa D'Avila, representantes da mística do século XVI na Espanha e representantes da ordem dos carmelitas descalços, segundo Lima Vaz, são os dois grandes nomes de uma literatura que testemunha toda a plenitude simbólica e doutrinal da "mística nupcial" presente na tradição cristã. Edith Stein, carmelita, dedica-se à vida e obra dos dois mestres espirituais de sua ordem, no que concerne à narração que eles concedem sobre os caminhos que levam a alma ao conhecimento de si mesma e assim, ao encontro com Deus (cf. KUSANO, 2014, p. 20).

no seu imediato oferecer-se às capacidades reagentes da consciência é tentativa tão antiga quanto o próprio filosofar. O método fenomenológico há duas etapas, a primeira chama-se *epoché* ou redução fenomenológica, o objeto (fenômeno) é isolado de tudo o que não lhe é próprio para poder revelar-se em sua pureza. A segunda é a fase positiva, o olhar da inteligência se dirige para à própria coisa, penetra-a e faz com que ela se manifeste em toda a sua realidade. Além disso, Husserl entende o conhecimento como caráter intencional e o caracteriza com três elementos: o primeiro a *nóesis* (forma), ou seja, é o momento subjetivo do conhecimento, a luz intelectual que dá sentido ao objeto conhecido, que determina no seu 'ser assim'; o segundo é a *hyle* (matéria), a qual corresponde aos dados sensíveis que não são significativos por si mesmos, mas só depois de revestidos da luz da *nóesis*; por fim, o *nóema* (conceito), quer dizer, é o polo objetivo do conhecimento, o significado ideal da coisa (GARCIA, 1988, p. 39-40)

Stein utiliza-se da fenomenologia em todas as suas obras, haja vista que seu objetivo central é compreender o homem e, assim, ajudá-lo em sua formação, bem como preparar novos formadores que saibam entender de fato o que é o homem. Além disso, sua grande preocupação era substancialmente a formação da mulher. De acordo com Ales Belo (2013, p. 13) a fenomenologia de Stein, bem como sua antropologia servirá também de base para os estudos psicológicos, pois ela busca trabalhar o ser humano na sua inteireza, ou ainda para compreender de fato o significado de pessoa nos estudos de psicologia.

Por outro lado, Santo Tomás de Aquino é peça fundamental no pensamento steiniano. O interesse de Edith pelas obras do Doutor Angélico se deu devido a sua conversão à Igreja Católica, como afirmamos acima. Assim, a partir de 1922 os textos de Stein deixam um pouco de lado o caráter fenomenológico e ganham, cada vez mais, um cunho tomista. Na verdade, ela não abandona a fenomenologia, mas antes busca aprofundar sempre a contrastando com a filosofia medieval. Outro fator que incentivou Stein a se dedicar ao estudos tomistas foi a sua participação em um grupo de estudos de filósofos que professavam a fé católica.

Além disso, a filósofa alemã assistiu a algumas aulas ministradas por Max Scheler,¹⁹ nas quais o filósofo desenvolvia o tema da simpatia, assunto este que

¹⁹ Scheler (1874-1928) defendia uma visão sentimental e vitalista do conhecimento, na linha de Pascal: "o coração tem razões que a razão desconhece". Espírito mais brilhante do que profundo, e talvez desprovido dessa sinceridade última que caracteriza os homens que buscam a verdade acima da própria conveniência, teve uma trajetória espiritual acidentada: converteu-se do judaísmo ao catolicismo, para depois afastar-se da Igreja e reconverte-se uma segunda vez; voltou a deixá-la em 1922 e acabou por defender uma filosofia mais ou menos panteísta. É provável que tenha influído nessa atitude a grave desavença matrimonial por que passou e as aventuras

se aproximava da tese defendida por Edith, a empatia. Sempre provocaram o interesse de Stein leituras que abordassem a pessoa humana, o sofrimento e, após a sua conversão, temas em torno da fé. Desse modo, a própria doutora narra sua experiência entre fé e estudos:

Para mim, como para muitos outros, sua influência ultrapassava o domínio da filosofia. Não sei mais em que ano Scheler converteu-se à Igreja Católica, mas esse tempo devia estar próximo, pois ele estava impregnado de ideias cristãs, às quais emprestava a força de sua persuasão e o brilho de seu espírito. Subitamente revelou-se aos meus olhos um universo, até então totalmente desconhecido. Isso não me conduziu de imediato à fé, mas abriu-me um campo novo de fenômenos, que não era mais possível ignorar. Não foi em vão que aprendemos a rejeitar os espantinhos e a receber todas as coisas sem preconceitos. Assim os muros do racionalismo dentro dos quais eu fora educada caíram sem que eu o soubesse e de repente vi-me diante do mundo da fé no qual viviam pessoas que eu respeitava e com as quais tinha contato diário. Esse fato merecia reflexão. Não era ainda um exame sistemático do problema religioso, pois absorviam-me outras ideias. Aceitava, porém, sem resistência, as ideias dos que me rodeavam e recebi sua influência quase sem perceber (STEIN *apud* MIRIBEL, 2001, p. 57).

Outro fator que levou Edith a ficar mais próxima das leituras de santo Tomás, foi a sua convivência no convento das Irmãs Dominicanas, lugar no qual ela lecionava e colaborava na formação das religiosas e das moças que estudavam no colégio. Outra vez, a própria Stein nos relata o fato:

Desde antes de minha conversão já era meu desejo entrar para a vida religiosa, isto é, esquecer os acontecimentos da terra, ocupar-me somente com as coisas de Deus. Pouco a pouco, porém, compreendi que outra coisa nos era pedida no mundo, e que mesmo entregue a uma vida contemplativa não se deve cortar toda a ligação com o exterior. Lendo Santo Tomás, pareceu-me possível pôr o conhecimento a serviço de Deus e foi então, e somente então, que consegui retomar seriamente meus trabalhos. Pareceu-me, com efeito, que quanto mais uma pessoa é atraída para Deus, mais obrigada deve sentir-se a sair de si mesma para levar ao mundo o amor divino (STEIN *apud* MIRIBEL, 2001, p. 71).

Além disso, ressaltamos que Edith traduziu para o alemão a obra do Doutor Angélico *De veritate*. Isso a fez ficar mais próxima do pensamento tomista, uma vez que ela procurava confrontar a filosofia husserliana com a teologia tomista. Desse modo, no intuito de homenagear o seu mestre, o qual completava setenta anos, Stein redigiu um ensaio filosófico expondo a fenomenologia de Husserl,

escandalosas que se seguiram, que o levaram a perder a cátedra na Universidade de Munique (cf. KAWA, 1999, p. 24).

bem como apontando os valores e os ensinamentos de Santo Tomás na filosofia escolástica, tal ensaio, por conseguinte, levou o título de *O que é filosofia? Uma conversa entre Edmund Husserl e Santo Tomás de Aquino*.²⁰

Em síntese, neste capítulo abordamos os fatores principais da vida de Edith Stein, desde o contexto histórico, político e econômico até o principais fatos que marcaram a sua convivência com sua família, o seu gosto pelos estudos, a sua dedicação aos estudos filosóficos, os seus momentos de crise pessoal até a sua conversão ao cristianismo católico. Além disso, apontamos os principais elementos que compõem o seu pensamento filosófico: a fenomenologia e a filosofia cristã, principalmente, santo Tomás de Aquino. Agora, no próximo capítulo será examinado a questão do homem, para assim chegarmos ao nosso objetivo central dessa pesquisa, que é trabalhar o conceito de pessoa humana na filosofia steiniana.

²⁰ Essa conversa entre Edmund Husserl e Santo Tomás de Aquino corresponde à versão original da contribuição da Edith Stein ao volume em homenagem aos 70 anos de Husserl, seu professor e orientador. A versão posterior e consideravelmente retrabalhada foi publicada sob o título *Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas von Aquino. Versuch einer Gegenüberstellung in Festschrift Edmund Husserl zum 70. Geburtstag gewidmet, Ergänzungsband zum Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung, Haale a.d. Saale: Max Niemeyer Verlag, 1939, p. 315-338* (cf. SCINTILA, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 207-364, jul./dez. 2005).

2 O HOMEM NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Após analisarmos os pontos marcantes na vida da pensadora alemã Edith Stein, bem como a fundamentação do seu pensamento filosófico, queremos em nossa pesquisa apontar os fatos marcantes e importantes na história da filosofia que contribuíram para a concepção de homem no pensamento steiniano, visto que o nosso objetivo é entender a compreensão de Stein sobre o homem e também o seu pensamento sobre a pessoa humana.

Na nossa vida cotidiana sempre nos deparamos com perguntas pontuais no que tange à nossa existência, por exemplo: Quem sou eu? De onde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que é que existirá depois da vida? Tais questionamentos sempre rondaram o nosso mundo desde os primeiros séculos, como nossos dias atuais, porém sabemos que a cada tempo há mudanças, seja econômica, cultural ou religiosa. Além disso, Stein no seu período de crise, procurou respostas para tais questionamentos, como vimos anteriormente.

Com efeito, a nossa proposta neste capítulo não é responder as perguntas supramencionadas, mas sim compreender o homem a partir do pensamento de Edith Stein. A pergunta: quem é o homem? sempre rondou os debates filosóficos, pois a cada período da filosofia tivemos uma compreensão acerca deste termo: homem. Entretanto, na atualidade esta pergunta se tornou mais latente, haja vista que o próprio ser humano se perdeu em meio a uma enxurrada de ideologias e, principalmente, influenciado pelo relativismo exacerbado:

Nenhuma época teve noções tão variadas e numerosas sobre o homem como a atual. Nenhuma época conseguiu, como a nossa, apresentar o seu conhecimento acerca do homem de modo tão eficaz e fascinante, nem comunicá-lo de modo tão fácil e tão rápido. Mas também é verdade que nenhuma época soube menos que a nossa o que é o homem. Nunca o homem assumiu um aspecto tão problemático como atualmente (HEIDEGGER *apud* MONDIN, 2005, p. 8).

Desse modo, o homem tornou-se um ser que vive sem rumo, sem sentido de vida, ou ainda afogado por pelo ressentimento e pela depressão, tudo isso porque se desinteressou pela capacidade de refletir e de se questionar, pois vive num mundo conturbado, dominado pelos avanços tecnológicos, no qual tudo está pronto e finalizado. Por conseguinte, formamos pessoas vazias, que a cada dia se

ocupam das coisas supérfluas e, além disso, se esqueceram do seu próprio Criador. Em consequência disso, temos uma sociedade materialista, a qual perdeu a confiança e a credibilidade na transcendência.

Entretanto, sabemos que o homem é um ser complexo, que está num contínuo processo de autoconhecimento, e isso vigora desde os primórdios da filosofia, prova disso é a orientação no templo de Delfos: conhece-te a ti mesmo! Esta frase deveria caminhar conosco todos os dias, para assim não nos perdermos em nossa caminhada. Santo Agostinho em suas *Confissões* nos explica o grande mistério do homem:

Que profundo mistério é o homem! E, no entanto, tu, Senhor, conheces até o número dos seus cabelos, que em ti não sofrem redução. E, entretanto, é mais fácil contar os cabelos dele do que os afetos e movimentos de seu coração (AGOSTINHO, 2006, p. 88).

E Batista Mondin, explicando este elementar pensamento de santo Agostinho sobre o homem, afirma:

E não se pode deixar de corroborá-lo, uma vez que, devido à complexidade de seu ser, físico e psíquico ao mesmo tempo, confinado a uma pequena zona de espaço com seu corpo, mas em condições de galgar todos os confins do universo com a sua mente, esta é efetivamente uma realidade da qual é impossível obter-se uma compreensão e dar uma explicação segura e exhaustiva (MONDIN, 2010, p. 63).

2.1 QUEM É O HOMEM?

Na história da filosofia muitos pensadores procuraram responder a essa questão que tanto nos instiga cotidianamente. Assim abordaremos as principais concepções de homem no decorrer do tempo. Não obstante, as definições aqui expostas não têm a pretensão de serem exaustivas, nem de apontar todas as nuances sobre o homem e, tampouco, realizar uma abordagem linear da história da filosofia, mas sim compreendermos o ponto de partida de nossa filósofa Stein.

Primeiramente destacamos a compreensão de homem no pensamento da Igreja, fundamentada sobretudo nos textos sagrados. Assim, Deus criou o homem (Gn 1,27). O homem é a mais importante de todas as criaturas da terra. A Bíblia trata exclusivamente dele e de suas relações recíprocas com Deus. Desse modo,

“criado a imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26), o homem cuida da natureza na qualidade de representante do Deus invisível. Bem em grau menor do que Deus, também o homem possui ciência, sabedoria, amor, poder, criatividade e está destinado a participar da vida da Santíssima Trindade.²¹

Dessa forma, para os primeiros filósofos como Diógenes de Apolônia (499-428 a.C.) o homem é, para ele, superior aos outros animais, superioridade que se manifesta na posição vertical, na marcha e na contemplação. Na contemplação destaca-se a correspondência entre o olhar humano e a ordem cósmica. Assim, celebra-se a habilidade das mãos humanas, obreiras da *téchene* e exalta-se a prerrogativa da linguagem, manifestação do pensamento. Deste modo, para Diógenes a ideia de homem é a estrutura corporal-estrutural, cuja natureza se manifesta na cultura por meio de suas obras (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 23).

Por outro lado, mas no mesmo período, o pensador Protágoras (480-411 a.C.) que tem como mote “o homem é a medida de todas as coisas”, assim, para o sofista o homem é o ser dotado do *lógos*, ou seja, da palavra, do discurso e da persuasão. Já no pensamento socrático a alma é a sede de uma *areté* que permite medir o homem segundo a sua dimensão interior na qual reside a verdadeira grandeza humana. A alma, portanto, constitui a verdadeira essência do homem, a sede de sua verdadeira *areté* (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 26).

Na filosofia clássica, o homem, no pensamento de Platão, é entendido como essencialmente alma, imortal e preexistente ao corpo. Assim, a união da alma como o corpo seria acidental, e o corpo limitaria a alma humana como se fosse uma prisão. Platão também concebia a alma dividida em três partes distintas, que se relacionam entre si: alma concupiscente (vinculada aos desejos), alma irascível (vinculada as paixões) e a alma racional (vinculada a razão) (cf. COTRIM, 2010, p. 123).

Aristóteles, por sua vez, entendia o homem como um animal racional, isto é, como um sistema único natureza-racionalidade. Segundo a corrente aristotélica, o ser humano, como todos os seres, seriam constituídos de dois princípios inseparáveis: matéria e forma. A alma – que, para o filósofo, é o princípio da vida – seria a forma do corpo e, como qualquer forma, não poderia

²¹ Para uma maior compreensão do homem no pensamento da Igreja cf. Catecismo da Igreja Católica, 2004, p. 466-540.

existir separadamente da matéria. A alma humana, segundo ele, se caracterizaria fundamentalmente por ser intelectual ou racional, mas englobaria também as virtudes da alma sensitiva (própria dos animais) e da alma vegetativa (própria das plantas). Daí, então, a ideia de animal racional (COTRIM, 2010, p. 123).

No período da Patrística, segundo Lima Vaz (2006, p. 53), o homem desenvolve-se à luz do mistério da Encarnação, e é esse mistério que transpõe em um nível concreto, pela referência a um arquétipo histórico, o tema da imagem e semelhança de Deus.

Assim, Santo Agostinho (354-430 d.C.), o maior pensador da Patrística, se orienta pela tradição platônica e neoplatônica, principalmente na supervalorização da alma em relação ao corpo e participação entre os mundos sensível e inteligível, oriunda de sua concepção do eu-interior e da definição de dois mundos: superior e inferior. Em suma, o homem é, na concepção agostiniana, corpo, pois é um ser uno: criação do homem e a criação do universo/encarnação do Verbo e a ressurreição; o homem é alma, porque o homem é um ser itinerante: o tempo como caminho para Deus, a vontade e o livre-arbítrio, a ação da graça que alcança Deus; o homem como ser pensante, o homem em sua busca de Deus; o homem é concebido contendo Deus em seu interior: memória, inteligência e amor (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 53).

Por outro lado, a concepção medieval do homem é acentuada por Santo Tomás de Aquino (1225-1274), o qual compreende o ser humano a partir de três pontos, a saber: o homem como animal racional, o qual é entendido pelo Doutor Angélico como a aceitação da tese de unidade hilemórfica do homem, a teoria do sínolo aristotélica, com a distinção em relação a Aristóteles da presença de Deus na criação do homem, especificamente ao que concerne a alma intelectual; o homem como ser fronteiro entre o espiritual e o corporal, no qual denota o aspecto do tempo e da eternidade, com o tempo e a história; e, finalmente, o homem como criatura, imagem e semelhança de Deus, onde define o homem como ser que participa da ideia de perfeição de Deus, da qual decorre a capacidade humana de conhecer a Verdade e de agir moralmente em função dela (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 61).

René Descartes (1596-1650) compreende o homem a partir dos traços fundamentais da concepção racionalista de homem, ou seja, pela subjetividade do espírito como *res cogitans* e consciência-de-si, quer dizer, o homem pensante. E

pela exterioridade do corpo com relação ao espírito, isto é, o homem corpo *res extensa*. Deste modo, o homem é, portanto, espírito que se manifesta no eu-pensante, e corpo que obedece aos movimentos e as leis do mundo-máquina (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 71). Mondin, compreendendo o pensamento cartesiano, assim explica a teoria do filósofo francês:

Descartes considera o corpo uma substância completa, existente por si, diversa da alma e oposta a ela: o corpo é constituído pela *res extensa* (coisa extensa), ao passo que alma é constituída pela *res cogitans* (coisa pensante). No homem essas duas substâncias, se bem que radicalmente diversas, encontram-se unidas. Esta união não é tão profunda como pensava Aristóteles, para o qual a alma e o corpo seriam partes de uma única substância, mas também não tão superficial como pensava Platão, que comparava a alma ao cavaleiro e o corpo ao cavalo. Para Descartes a alma e o corpo estão unidos, mas apenas num ponto: na glândula pineal (MONDIN, 2003, p. 71).

A compreensão de homem para Pascal (1623-1662) reside no pensamento. Entretanto, o cogito pascaliano não se volta para a dominação do mundo, e sim empenha-se na descoberta das regras do *bien penser*: ele descobre imediatamente sua dimensão moral. Para Pascal o discurso do método se constrói tendo em vista a situação do homem e não a verdade na ciência. Assim sendo, o lugar do homem na natureza é ínfimo e quase imperceptível; mas, pelo pensamento, ele se eleva sobre os abismos espaciais da grandeza e da pequenez e compreende esse mesmo universo que o engole como um ponto (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 75).

O homem para Hobbes (1588-1679) é corpo como máquina. Assim, só o corpo, ocupando o espaço, existe, e Deus mesmo é corporal, sendo compreendido no universo cuja totalidade e unicidade abrange todas as ordens do existente. Deste modo, Hobbes vai buscar na originalidade a tarefa que a natureza lhe impõe, a de ser o artífice de sua própria humanidade: tarefa que exige, preliminarmente, que o homem saia justamente do “estado de natureza” e encaminhe-se para o “estado civil”, fazendo da sociedade e do Estado o terreno e o horizonte de sua realização humana (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 77).

Na concepção lockeana o homem é entendido a partir do “homem liberal” ou do “burguês” que resume seu credo no otimismo naturalista e na afirmação da sociedade natural, isto é, da tendência à convivência espontânea e pacífica dos indivíduos no “estado de natureza”. Assim, Locke afirma existirem no homem

todas as disposições naturais para, usando as próprias capacidades, chegar ao conhecimento de Deus, da natureza e de si mesmo como ser natural (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 79).

Para Kant (1724-1804) o homem é constituído de três estruturas, a sensitivo-racional, segundo a qual o homem é entendido como ser cognoscente; a físico-pragmática, que compreende o homem como ser natural, mundano, físico, enquanto ser que a natureza opera nele, e pragmático, o que ele faz de si mesmo (assim, o homem é livre, capaz para responder racionalmente aos seus atos); por fim, a histórica, quer dizer, o destino do homem (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 91).

Na concepção hegeliana o homem é a soma das concepções que definem o homem clássico, cristão e moderno. Dessa forma, são quatro pontos elementares que contribuem para a compreensão de homem no pensamento de Hegel, a saber: em primeiro lugar, é a relação do homem com o mundo natural; em segundo lugar, a relação do homem com a cultura; em terceiro lugar, a relação com a história; e, finalmente, a relação com o absoluto. Assim, o que determina o homem para Hegel é o espírito [*Geist*] (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 105).

Na filosofia de Feuebach, um dos críticos do pensamento hegeliano, sintetiza-se o homem como sendo o único Deus de si mesmo, além de reduzirem os atributos de Deus apresentados na teologia à antropologia. Com efeito, no pensamento feuebachiano o homem é entendido com um ser sensível, o qual se aproxima muito mais da natureza, do que de Deus, deixando de lado, por conseguinte, a questão do espírito abordado por Hegel (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 116).

Karl Marx entende o homem a partir de quatro aspectos: o homem e a natureza; a natureza humana; as relações sociais; e, por fim, a filosofia da história. Assim, cada aspecto acima citado contribuirá para o desenvolvimento da teoria sobre o homem. Um ponto que merece destaque na concepção marxista de homem é a alienação, seja ela real, quer dizer, por relações sociais, ou imaginária, isto é, a religião. Em suma, para Marx o homem é ser que produz, ou ainda um ser econômico, mas que se deixa alienar (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 118).

Nietzsche, ao contrário de Hegel, define o homem fazendo oposição ao pensamento clássico, bem como ao pensamento medieval cristão. Segundo Lima Vaz (2006, p. 125), o pensamento nietzschiano sobre o homem parte de três questões: o que foi o homem, ou seja, sua aparição emergindo da natureza e da

vida; o que o homem não é, atingido pela doença da cultura e pelo ressentimento ou vingança contra a vida e o devir; por fim, o que o homem pode e deve ser, onde aparece o tema do homem como transição para o super-homem. Com efeito, para Nietzsche o homem se define pelo corpo (*Leib*) como sendo totalidade do indivíduo.

Martin Heidegger, com o qual Stein teve contato durante os seus estudos em Gottinga, apresenta o homem como ser existente, o filósofo procurará em suas obras fazer um leitura ontológica do homem, o qual é o ser aí. Todavia, ainda nesta pesquisa vamos entender que o pensamento heideggeriano diverge da filosofia steiniana, pois o primeiro afirma que a morte é a realização do homem, contudo, por outro lado, nossa autora defende que a realização do homem é o encontro com o ser eterno, em outras palavras, o encontro com Deus (cf. LIMA VAZ, 2006, p. 130).

2.2 O HOMEM NA VISÃO DA *FIDES ET RATIO*

Na atualidade, influenciada por várias ideologias e pelo relativismo, o homem, podemos dizer, se perdeu em si mesmo, pois vive-se um grande vazio, este vazio é consequência da falta de reflexão, crítica e, sobretudo, ética. Assim sendo, para preencher tal vazio o homem se perde no mundo das tecnologias, bem como no consumismo desenfreado. Com efeito, o ser é invadido pelo ter, se o homem já não sabe quem ele é, tampouco terá uma dimensão espiritual, a qual o leve à transcendência. O papa João Paulo II em sua encíclica *Fides et ratio* resume a situação do homem no mundo atual:

O homem de hoje parece estar sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz, ou seja, pelo resultado do trabalho de suas mãos e, ainda mais, pelo resultado do trabalho da sua inteligência e das tendências da sua vontade. Os frutos da multiforme atividade do homem, com grande rapidez e de modo muitas vezes imprevisível, passam a ser não tanto objeto de "alienação", no sentido de que são simplesmente tirados àqueles que os produzem, como sobretudo, pelo menos parcialmente, num círculo consequente e indireto dos seus efeitos, tais frutos, voltam-se contra o próprio homem. Eles são de fato dirigidos, ou podem sê-lo, contra o homem. Nisso parece consistir o ato principal do drama da existência humana contemporânea, na sua dimensão mais ampla e universal. Assim, o homem vive mergulhado cada vez mais no medo. Teme que os seus

produtos, naturalmente não todos nem a maior parte, mas alguns e precisamente aqueles que encerram uma especial porção da sua genialidade e da sua iniciativa, possam ser voltados de maneira radical contra si mesmo (JOÃO PAULO II, 2010, 66).

Quando o homem torna-se o centro do universo, Deus é banalizado, conseqüentemente o ser espiritual, a ascese e a confiança em Deus é descartada, isso prova a sociedade materialista em que vivemos, e fruto disso é um amontoado de pessoas que vivem num mundo alienado, voltado aos prazeres, as paixões e as futilidades. Na verdade, o homem que procurava e desejava a liberdade acabou-se perdendo em si mesmo, afastando-se cada vez mais de sua centralidade, ou seja, perdeu a sua essência de ser pessoa humana.

A partir disso convidamos para o nosso diálogo a filósofa Edith Stein, a qual desde a sua infância passou por várias crises, sempre se questionando e refletindo sobre o homem. Stein sempre teve o desejo da verdade, e foi através dos estudos filosóficos que ela encontrou respostas para as suas questões, no entanto para chegar a tal ponto ela passou por uma árdua batalha que durou até o fim de sua vida, haja vista que morreu em uma câmara de gás, local no qual ela compreendeu de fato o sentido da ciência da cruz.

De acordo com Rus (2015, p. 25) Edith evoca um assunto que pessoalmente lhe dizia respeito e sobre o qual ela não parou de debruçar-se em todos os seus trabalhos ulteriores: a constituição da pessoa humana. Stein resume dessa forma: “meus trabalhos não são mais do que decantações daquilo que me absorvia na vida, pois uma das minhas características é a necessidade de refletir sobre o que constitui minha vida” (STEIN *apud* RUS, 2015, p. 25).

Dessa forma, no próximo capítulo de nossa pesquisa abordaremos de fato a constituição da pessoa humana no pensamento steiniano, partindo da concepção de pessoa e da estrutura tríplice: corpo, alma e espírito.

3 A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

Como percebemos no capítulo anterior, desde o princípio o homem, sobretudo os filósofos, procuraram responder a pergunta: quem é o homem? Assim, cada pensador, no seu contexto histórico, político e econômico, formulou uma resposta, ou ainda uma teoria a cerca dessa provocativa questão. No entanto, por ser complexa nunca tivemos uma resposta que agradasse a todos e tampouco uma teoria definitiva, o que fica evidente, contudo, é que o homem é um mistério.

Com efeito, o ser humano, como afirmamos anteriormente, é matéria muito cara ao pensamento steiniano, e a própria filósofa nos confirma este gosto em se dedicar a pessoa humana: “fui me encaminhando para algo que se encarnava pessoalmente em mim e que ocuparia todos os meus estudos futuros: a constituição da pessoa humana” (STEIN *apud* GARCIA, 1988, p. 55).

Dessa forma, cada escrito da pensadora aborda com grande destaque a questão do homem, seja pelo caminho da metafísica ou ainda pela mística, procurando compreendê-lo. Segundo Garcia (1988, p. 55), foi no campo pedagógico que Edith Stein se esforçou por conhecer bem aquele que se forma, por isso ela aprofunda os seus conhecimentos na antropologia filosófica, para assim conhecer o homem desde as suas raízes.

Conforme Feldmann (2001, p. 8) Stein era uma defensora conseqüente da dignidade humana, que, segundo a sua visão, estaria baseada no princípio de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Este é o sentido incrivelmente prático de sua filosofia do ser: a existência finita do homem compartilha da existência eterna de Deus.

Consoante a isso, na filosofia steiniana o homem se explica a partir do Ser, do espírito, pela constante referência a Deus, também pela correlação singular de seus elementos, na mútua relação de alma e corpo. Desta maneira, o homem aclara, a seu modo, o problema do ser porque é ele o lugar do ser, no qual tudo mais se oferece. Para Edith (STEIN *apud* GARCIA, 1988, p. 57), é muito natural que tomemos nosso ponto de partida naquilo que é mais próximo, ou seja, a natureza humana. E ao tratar da natureza do homem, pensamos na essência do homem enquanto tal, compreendendo o fato de ser ele pessoa.

Edith Stein justifica a sua escolha para a pessoa humana e a sua valorização, explicando que o ser humano como pessoa, está no ápice de todo valor objetivo. Por conseguinte, a própria autora nos explica:

Cada verdade é conhecida pela pessoa, cada beleza é compreendida e apreciada pela pessoa. E atrás de tudo o que no mundo tem valor, está a Pessoa do Criador, que inclui em si como exemplar e, ao mesmo tempo, transcende o valor terreno. Entre as criaturas, justamente a pessoa representa a sua imagem mais alta [...]. No homem, em que a imagem de Deus encontrou seu desenvolvimento mais genuíno, no qual os dons do criador não são atrofiados, mas florescentes e cujas potências estão na ordem desejada por Deus, que corresponde à guiada pela inteligência, as potências inferiores são dominadas pela inteligência e pela vontade. Isto entendemos quando falamos de *humanidade completa*. A tal humanidade completa é chamado cada homem, e cada homem, secretamente, aspira a ela (STEIN, 2002, p. 208, nossa tradução, grifo da autora).

Isto posto, neste capítulo abordaremos a concepção de homem no pensamento de Edith Stein. Em primeiro lugar, partiremos do conceito de pessoa; em segundo lugar, trabalharemos a concepção de homem; em terceiro lugar, falaremos sobre a estrutura da pessoa humana; e, por fim, a visão da autora do homem como imagem de Deus.

3.1 O CONCEITO DE PESSOA E O HOMEM NO PENSAMENTO STEINIANO

Na obra *Ser finito e ser Eterno* Stein também aborda a questão da pessoa²² humana, assim a filósofa afirma que a palavra pessoa no que tange a

²² Francesco Alfieri nos explica que Edith Stein emprega o termo pessoa em continuidade com o uso que dele fazia a teologia e a filosofia medievais para indicar inicialmente as pessoas divinas e, por extensão, a pessoa humana, dando a este uso uma nova conotação, qual seja, a que destaca a vivência comunitária na qual está inserido o ser humano (cf. ALFIERI, 2014, p. 16). Além disso, segundo o mesmo autor, Stein, em continuidade com a tradição filosófico-teológica que fez o termo pessoa entrar no vocabulário filosófico, emprega-o para designar a característica que distingue o ser humano em meio a todos os seres da Natureza. Assim, nos seus escritos, o termo pessoa também designa a individualidade de cada ser humano, marcada essencialmente também pela capacidade racional da espécie humana. Edith Stein, na esteira de Santo Tomás de Aquino, concebe o ser pessoa como o que há de mais perfeito na Natureza, por tratar-se do único tipo de existência em que há espiritualidade e, portanto, liberdade (afinal, a liberdade supõe autoconsciência e possibilidade de autorrealização). Isso significa que o ser pessoal ou espiritual é aquele capaz de voltar sua atenção para si mesmo, para sua própria interioridade, e dizer, por meio desse ato reflexivo-espiritual, que possui um eu. Não somente se reconhece como ser pessoal, mas reconhece também a necessidade de formar-se a si mesmo, tarefa esta que envolve a liberdade e a responsabilidade (*idem*, p. 140).

sua plenitude só convém a Deus, pois é Ele que se manifesta como ser em pessoa. Com efeito, o ser pessoa por natureza pressupõe espiritualidade. Desse modo, homem enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo peculiar: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo e, por ele é capaz de sair de si mesmo. Assim, o entrar e sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa.

De acordo com Garcia (1988, p. 58), o ser pessoal leva consigo, nessa interioridade, o dom de possuir-se a si mesmo e poder conhecer-se. Tem entendimento, isto é, liberdade. A pessoa, tendo consciência de si mesmo, tem também capacidade de dirigir seu processo com o domínio dos atos, que sucedem na temporalidade. Toda a pessoa encontra a si mesma como um eu. No homem, portanto, não coincidem plenamente a pessoa e o espírito, porque nele não coincidem a essência e a vida. Em outras palavras, o homem participa da vida, mas é a vida, por isso tem alma, o princípio vital pelo qual participa da vida:

Quando interpretamos a pessoa como o eu e o eu como suporte da própria vida, caracterizamos o modo particular, segundo o qual, a pessoa é o suporte de sua própria vida. Em Deus não há diferença entre a vida e a essência, nem entre o ser e a essência. Porém, onde a essência e a vida não coincidam, o portador de uma e outra se traduzirá por algo diferente (STEIN, 1994, p. 28, nossa tradução).

Desse modo, o homem é realmente pessoa, mesmo não sendo pessoa em plenitude. Esta é sua dignidade, aquilo que lhe dá certo mistério, impenetrável. Ele é sagrado por ser pessoa. Tudo o que é humano tem grande valor, partindo desse núcleo original. Não se pode reduzir só a isso, porém é impossível prescindir dele. A pessoa não é uma realidade terminada de uma vez: o homem é e se faz. O homem aspira à plenitude, está aberto a tudo o que é grande, nobre, para transformar-se progressivamente.

Com efeito, para Stein há dois meios fundamentais para o homem encontrar plenitude, compreender-se como ser humano e o papel da formação²³

²³ Segundo Sberga, Edith Stein entende a palavra formação a partir de uma dupla definição: formação como estado e formação como um processo. A primeira é uma determinação da personalidade, um *habitus*, uma estrutura espiritual. Formação pessoal como princípio regulador da vida. É um estado ao qual se tende, nunca acabado, estado possível de um homem, e sua tarefa. Não se pode eliminar a diferença ontológica entre *ser* e *dever ser*. A segunda entende, principalmente, aquele desenvolvimento no qual o homem conquista uma figura e uma forma, uma precisa identidade. Nesse sentido, é usada frequentemente como sinônimo de educação, mas é preciso esclarecer que a educação se dirige a um outro, a um tu, enquanto a cultura no sentido de

em sua vida. Por um lado temos o aspecto interno, que tem como domínio a compreensão da estrutura da pessoa. De outro lado nos apresenta o aspecto externo, que tem como foco o processo educativo como finalidade de favorecer o desenvolvimento das potencialidades e especificidades da pessoa.

A sua primeira abordagem sobre a pessoa humana desenvolveu-se no seu trabalho de doutorado, no qual ela abordou o conceito de empatia. Nele, nossa filósofa compreende que a constituição do ser como indivíduo (psicofísico) é algo profundo e ao mesmo tempo difícil, entretanto é fundamental o entendimento do ser humano para formarmos, de fato, pessoas integrais. Neste sentido, Stein sempre procurou entender o homem para formar os educadores, a fim de que estes tivessem uma compreensão ampla do ser humano e pudessem formar e educar a pessoa de maneira integral. Assim sendo, o homem, segundo Edith, é:

É um composto de vários estratos: o Eu puro, como sujeito de experiência e unidade de consciência; a alma como parte essencial do indivíduo, sua unidade substancial, o corpo a que está unida a alma e que se vive como experiência, como meu corpo e, portanto, como algo vivo, isto é, como *Leib* e não *Körper* (STEIN, 1994, p. 32, nossa tradução).

Conforme a comentadora Sberga (2013, p. 168) a ideia de Stein não é criar teorias ou modelos pré-definidos, mas apresentar princípios norteadores e indicar o método adequado para ir à essência da questão. A formação, portanto, não se limita a propor o estudo de um conjunto de conteúdos teóricos, como tantas vezes se constata, todavia é um percurso de autoconhecimento, realizado com método e princípios, para fazer desabrochar as potencialidades do ser humano, aquelas que estão inerentes no ser e precisam ser atualizadas. Ao mesmo tempo é um processo de aperfeiçoamento e refinamento das capacidades e qualidades pessoais, com a função de propiciar relações intra e interpessoais harmônicas e saudáveis.

Desse modo, dois pontos são elementares para compreender o homem na filosofia steiniana, a pessoa humana e sua estrutura e a formação, pois a partir

formação se refere ao próprio eu. A formação é produto da educação. O ensinamento é uma ajuda à formação da pessoa. A formação como processo é a motivação que impulsiona juntos a educação e o ensinamento, para que, de um lado, se evite moralizar abstrato e do outro, uma formação puramente intelectual e um ensinamento eticamente não empenhativo. Por conseguinte, a verdadeira didática deve dar solução ao problema de como chegar à unidade entre ensinamento e educação para obter a formação (2014, p. 19-25).

da compreensão da pessoa humana é que se poderá desenvolver um projeto formativo que atinja todas as questões do homem, levando assim o homem a plenitude e ao seu desenvolvimento.

Com efeito, segundo a filósofa Stein para entender de fato o que venha ser a empatia faz-se necessário que o indivíduo possua um corpo, uma alma e um espírito, quer dizer, precisamos abordar o homem a partir da tríplice estrutura corpo-alma-espírito.

Em vista disso, queremos doravante apontar os principais fundamentos que compõem a antropologia filosófica steiniana, haja vista que a ideia principal de Stein é colaborar com a pedagogia, pois para ela “todo labor educativo que trate de formar homens está acompanhada de uma determinada concepção de homem, de quais são suas posições no mundo e sua missão na vida, e de quais possibilidades práticas se oferecem para tratá-lo adequadamente” (STEIN, 2002, p. 3, nossa tradução).

3.2 A TRÍPLICE ESTRUTURA HUMANA: CORPO – ALMA – ESPÍRITO

Edith para compreender o homem parte da pergunta elementar que já enfatizamos neste trabalho: quem é o homem? Desse modo, para ela é evidente que a pessoa humana é composta por três fatores: corpo, alma e espírito. Este tripé, que possui raiz na Sagrada Escritura,²⁴ bem como na filosofia agostiniana, caracteriza melhor, segundo Stein, a pessoa humana do que a concepção aristotélica, pois segundo o pensamento do estagirita o homem é compreendido a partir da teoria do sínolo, isto é, não há distinção entre alma e corpo, mas sim reunião de corpo e alma. Reale e Antisere nos explica o ponto de partida de Stein:

²⁴ “[...] e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (cf. 1Ts 5,23). Segundo Dewailly, esta divisão tripartida do homem (espírito, alma e corpo) só aparece na primeira carta de São Paulo aos Tessalonicenses. Na visão do teólogo, Paulo não tem “antropologia” sistemática e perfeitamente coerente. Além do corpo (Rm 7,24 ss.) e da alma (1Cor 15,44 ss.), vemos aparecer aqui o espírito, que pode ser o princípio divino da vida nova em Cristo (Rm 5,5 ss.). A ênfase recai na totalidade dos efeitos da ação santificadora de Deus, efeito da sua fidelidade (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4. Impr. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2064).

O homem não é mais simplesmente “corpo” e “alma” (entendendo-se por “alma” razão e intelecto), isto é, em duas dimensões, mas sim em três dimensões: “corpo”, “alma” e “espírito”, onde o “espírito” é exatamente essa participação no divino através da fé, a abertura do homem para Palavra divina e para a Sabedoria divina, que o preenche com uma nova força e, em certo sentido, lhe dá uma nova estatura ontológica (REALE e ANTISERE, 1990, p. 387).

Segundo Bello (2014, p. 55), a concepção steniana do ser humano é uma investigação transcendental, pois é a análise da estrutura do sujeito humano o qual vive diferentes vivências tendo qualidades diversas, as quais remetem as três dimensões: corpo, psique e espírito. O ser humano, portanto, não é tripartido, mas antes é uma composição harmônica, na qual o corpo é entendido como ser vivente e, a partir da *Einführung*, compreende a si como pessoa e sente o outro como ser humano; a psique (*Seele*) a qual é responsável pelas atividades psíquicas e pelos impulsos não controlados pelo ente humano; e o espírito (*Geist*) é uma abertura para algo, seja para o mundo objetivo das coisas da natureza, seja para o mundo subjetivo dos outros seres humanos ou do ser divino.

Assim sendo, o homem é um ser que possui um corpo, no qual habita uma alma, isto é, um corpo animado e é esta alma que concede ao homem a vida. A própria filósofa nos explica:

Posso separar-me idealmente dele e contemplá-lo como desde fora. Porém, em realidade, estou atado a ele: estou ali, onde está o meu corpo, por muito que com o pensamento possa transladar-me a outro extremo do mundo, e inclusive, superar todas as barreiras espaciais (STEIN, 2002, p. 100, nossa tradução).

Com efeito, no pensamento steiniano há uma compreensão positiva do corpo, pois o homem se conhece como corpo devido os sentidos, ou seja, pelas sensações de quente ou frio, de bem estar ou dor. Dessa forma, o corpo define o homem e, por conseguinte, contribui para a formação da sua espiritualidade. Consequentemente, segundo o Stein para a realização do ser finito como pessoa humana é necessário à integração do corpo, da alma e do espírito:

O ser humano é um ser que possui um corpo, uma alma e um espírito. Enquanto o homem é, por sua própria essência, espírito, ultrapassa a si mesmo, com sua vida espiritual e entra no mundo que se abre diante de si mesmo, com sua vida espiritual e entra no mundo que se abre diante dele, sem que perca nada de si. Nele se revela sua essência, como em todo produto real, ao expressar-se de modo espiritual, mesmo em seus atos inconscientes, e, sobretudo, ao atuar pessoal e espiritualmente. A alma humana, enquanto espírito, se eleva em sua vida espiritual acima dela

mesma. No entanto, o espírito humano está condicionado pelo que lhe é superior e pelo que lhe é inferior: está contido num produto material que ele anima e forma de acordo com sua forma corporal. A pessoa humana carrega e engloba seu corpo e sua alma, mas ela é, ao mesmo tempo, levada e envolta por eles. Sua vida espiritual se eleva de um fundo obscuro, sobe como chama de um círio brilhante, alimentada, porém, por matéria que não é luminosa. Brilha sem ser totalmente luz: o espírito humano está presente a si mesmo, mas não é totalmente luz; o espírito humano está presente a si mesmo, mas não é totalmente transparente. Pode iluminar outras coisas sem transpassá-las por completo. Já conhecemos suas trevas (STEIN, 2002, p. 121, nossa tradução).

Segundo Garcia (1988, p. 59) a mistura de luz e sombra, de zonas claras e escuras constitui o mistério desta união de opostos: espírito e matéria. Para compreender o homem, é necessário levar em conta esta complexa realidade, pela qual é enigma de si mesmo. “Enquanto instrumento de meus atos, o corpo pertence à unidade de minha pessoa. O eu humano não é um eu puro, nem só um eu espiritual, mas também um eu corporal” (STEIN *apud* GARCIA, 1988, p. 59).

Desse modo, o corpo do homem não é simplesmente corpo, massa corporal, é corpo animado. O homem tem alma e esta se manifesta, não só nos atos vitais, que exerce à semelhança dos animais, mas também nesse mundo interior como centro vivente para onde tudo tende e do qual tudo parte. A vida do eu está constituída pelo jogo de estímulos e respostas e é aí que a alma exerce sua função peculiar como mediadora entre corpo e espírito.

Edith Stein traz uma visão de corpo diferentemente de outros pensadores que afirmavam que o corpo é algo pecaminoso ou ainda como cárcere da alma, mas ao contrário, para ela é com o corpo que o homem faz experiência. Desse modo, Edith entende o corpo a partir de dois conceitos alemães: *Körper* e *Leib*. O primeiro significa corpo físico, experiência pela percepção externa do indivíduo, ou seja, trata-se de um mero objeto entre objetos, que ocupa um determinado lugar no espaço e provoca no indivíduo a percepção da diferença existente entre ele mesmo e os outros corpos. O segundo significa o corpo vivo alcançado pelas sensações, isto é, sentindo-o eu o percebo como nenhuma outra coisa me pertence e, por conseguinte, este corpo deixa de ser objeto entre outros, para ser o meu corpo, fechado em si mesmo e indivisível.

Segundo Sberga (2013, p. 173) corroborando Stein, o ser humano tem um corpo vivente, quer dizer, seu corpo vivente pessoal é aquele no qual vive um eu e pode se configurar num agir livre e ter autodomínio sobre si mesmo. Ele não

pode sair do seu corpo, mas pode imaginar estar fora do corpo, estar em outro lugar e esta vivência é permitida pela sua atividade intelectual. Assim, todas as suas vivências estão ligadas à consciência do eu:

Ele é um ser que diz de si eu. Nenhum animal pode dizer isso. Olho nos olhos de um animal e vejo alguma coisa que me olha. Vejo dentro da sua alma uma interioridade, uma alma que percebe o meu olhar e a minha presença. É, porém, uma alma muda e prisioneira, aprisionada em si mesma, incapaz de ir além de si mesma e de compreender-se, incapaz de sair de mesma e chegar até mim. Olho nos olhos de um ser humano e o seu olhar me responde. Deixa-me penetrar na sua interioridade ou me rejeita. Ele é o senhor da sua alma e pode fechar ou abrir as suas portas. Pode sair de si mesmo e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um eu está diante de um outro eu. Pode ser um encontro que acontece na soleira da porta ou na interioridade. Quando é um encontro que acontece na interioridade o outro eu é um tu. O olhar do homem fala. Um eu dono de si, vigilante me vê. Dizemos também: uma pessoa espiritualmente livre. Ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual. O ser humano é uma pessoa e isto o diferencia de todos os seres naturais (STEIN, 2002, p. 124, nossa tradução).

Conseqüentemente, a alma do homem é o vínculo que une o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual. O homem não é um animal, e tampouco um anjo, ou seja, em sua sensibilidade, não coincide com o animal, nem em sua espiritualidade, com o anjo. Assim, o espírito irrompe no corporal e a sensibilidade humana está chamada a uma interioridade superior. A alma é como o espaço interior no qual o eu se move livremente, como o castelo interior. Em suma, a estrutura da pessoa humana para Stein é tríplice, ou seja, no alto, o espírito, para fora o corpo, no meio, a alma. Assim sendo, comenta Garcia:

O corpo, a alma, o espírito e o eu vão se compenetrando no processo dinâmico, partindo da liberdade pessoal que os dirige. Assim, a pessoa está à base de todo desenvolvimento estrutural e dinâmico. Os atos livres são o primeiro domínio da pessoa. Ser homem é refletir, em pequena proporção, toda a gama de realidades dispersas nos Cosmos, é desenvolver o ser em seu sentido mais denso (GARCIA, 1988, p. 59).

Sendo assim, entendemos no pensamento steiniano que o corpo possui um organismo semelhante ao do ser animal, bem como uma alma que revela seus instintos, suas reações, seus desejos e impulsos. Já o espírito, concebido como alma da alma, núcleo interior da pessoa, retrata seu intelecto, sua vontade e razão. Desse modo, na unidade entre corpo e psique se forma o corpo vivente, onde se localiza a força vital sensível e a força física. Assim, segundo o pensamento de Edith, na unidade entre a psique e o espírito está a alma, mas a

alma da alma está no espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer agir em vista do bem e da verdade.

Para Stein, é o espírito que permite o homem entrar em comunicação com os outros seres humanos: amar, conhecer, transcender a si mesmo, vivenciar sua corporeidade e sua psique. Através do espírito, a pessoa toma consciência e se posiciona diante dos aspectos psíquicos e utiliza seu corpo como instrumento a seu dispor. Assim, Edith compara o espírito a uma chama que se acende saindo de um lugar tenebroso. Essa chama se alimenta de uma matéria que não brilha; aliás, brilha, porém não é totalmente luz: é o espírito humano (que é visível para si mesmo), porém é totalmente transparente. “Ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual. Que o homem é pessoa: isto é o que distingue de todos os seres da natureza” (STEIN, 2002, p. 94, nossa tradução).

Sberga (2013, p. 172) faz uma síntese da tríplice estrutura corpo-alma-espírito de Edith Stein afirmando que na unidade entre corpo humano e alma se forma o corpo vivente (*Leib*), onde se encontra a força vital sensível, a força física. Na unidade entre a psique e o espírito está a alma, mas a “alma da alma” está no espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer agir em vista do bem e da verdade. Dessa forma:

Na união entre psique e espírito, as duas dimensões permanecem distintas, não significando duas partes separadas, mas uma unidade sem contrastes, que acontece no âmago do ser. Em razão disso, a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, porém intrinsecamente unidos. O corpo humano é um corpo vivo que tem uma alma humana viva, por isso é um corpo animado. É, ainda, um ser espiritual, um ser espiritual, um ser que tem consciência de seu corpo e da sua alma, pode conhecer muitos aspectos sobre si mesmo e agir livremente (SBERGA, 2013, p. 172).

Por conseguinte, para realizar a formação da pessoa é preciso conhecer sua estrutura, articular um processo que se inicia em seu interior, contar com a força vital própria de ser e chegar à forma substancial, que dá unidade às diversas dimensões do ser, a fim de promover-lhe seu desenvolvimento integral, segundo sua forma mais completa.

Com efeito, para Edith Stein o homem não é a questão central por excelência, mas ao contrário é o próprio Deus que é o ponto culminante do homem. Assim sendo, para o homem (ser finito) contemplar a face de Deus (ser

eterno), que é amor, faz-se necessário que o ser humano se conheça por inteiro e, concomitantemente, passe por uma formação integral, na qual valorize suas potencialidades, os seus valores e as suas virtudes.

Dessa forma, a meta final do homem não será a angústia, a solidão, o vazio, o niilismo, a náusea e, tampouco, a morte, mas para Stein, diferentemente, homem é aquele que, formado de corpo-alma-espírito, procura cotidianamente a verdade e se perfaz num itinerário em busca do encontro com ser eterno (Deus), momento no qual se dará a sua realização final: “o homem só se realiza quando encontra o seu próprio ser, no íntimo da alma, com os pensamentos do próprio coração” (STEIN, 2014, p. 100, nossa tradução). Em suma, o homem é um ser para Deus.

Por fim, na próxima seção iremos apresentar como Stein compreende o homem como imagem de Deus.

3.3 O HOMEM COMO IMAGEM DE DEUS

Para Edith Stein, o homem é imagem de Deus, de modo especial, como reflexo da pessoa divina, um certo espelho trinitário. Ela vê esta imagem em todo o criado, mas a acentua no homem, principalmente nos processos dinâmicos. O homem vai se formando à imagem de Deus, num processo de auto e livre formação, a filósofa alemã afirma: “a alma tem de chegar até ela mesma, num duplo sentido: chegar a conhecer-se como é e chegar a ser o que pode e dever ser. A liberdade entra em jogo nestas duas operações” (STEIN, 2007, p. 305, nossa tradução).

Em outra obra a filósofa alemã afirma:

O homem foi criado por Deus, e com o primeiro homem, toda humanidade, como uma unidade por razão de sua origem e como uma potencial comunidade; cada alma humana individual foi criada por Deus; o homem foi criado a imagem e semelhança de Deus; o homem é livre e responsável por aquilo que ele se converte; o homem pode e deve fazer que sua vontade esteja em consonância com a vontade de Deus (STEIN, 2002, 194, nossa tradução).

Assim, a imagem dinâmica de Deus no homem vai se clarificando pelas vias do conhecimento de si mesmo e pelo desenvolvimento das possibilidades de maturação do ser. O homem tem uma tendência para a totalidade, para a plenitude de si mesmo, justamente porque nele há o reflexo da vida divina, como vida trinitária participada. Essa convicção da imagem divina no homem é o que justifica a motivação religiosa dos atos formativos em Stein. Desse modo, ela explica:

O homem é chamado a viver em seu íntimo, tomando nas mãos a direção de si mesmo, e na medida do possível, agindo a partir daí. Somente partindo deste ponto é possível um exato confronto com o mundo: somente partindo daí o homem pode encontrar, no mundo, o lugar que lhe compete. Ele, porém, não pode jamais explorar totalmente seu íntimo. É um segredo de Deus que só ele pode revelar quando e como quer. Este íntimo, no entanto, é confiado ao homem. Ele pode decidir na mais perfeita liberdade e tem o dever de conservá-lo com um bem precioso que lhe foi confiado (STEIN, 2013, p. 143).

Por conseguinte, abordamos neste capítulo a concepção de pessoa humana na antropologia steiniana. A filósofa alemã ao investigar o homem, fundamentada pela fenomenologia e pela filosofia cristã, o entende como ser vivente que possui corpo, alma e espírito e, à luz da fé e da teologia, compreende que há dimensões no homem que a racionalidade não consegue alcançar por si mesma. Desse modo, contrariamente ao pensamento do mundo moderno, o qual valoriza demasiadamente o corpo e a razão, Stein enfatiza o valor do espírito, o qual leva o homem a transcendência ao encontro com o outro, colocando em prática a empatia, pois segundo Edith, o homem é homem a partir da experiência empática (seja ela pela simpatia ou pela antipatia) e, conseqüentemente, leva o homem ao encontro com o seu criador, o ser Eterno, para nós cristãos Deus, ou ainda a Verdade.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos apresentar a vida e o pensamento da filósofa alemã Edith Stein, a qual teve uma trajetória de vida muito dramática e questionadora. Porém encontramos na vida de Stein um desejo imenso de sempre buscar a verdade, mesmo que demore a encontrá-la. Segundo a monja carmelita, o importante é jamais desanimar na busca sincera e autêntica porque a verdade se deixa encontrar por aqueles que procuram com o coração sincero.

Com efeito, em um mundo carente de pessoas humanas, que buscam a verdade e a sabedoria, vemos um amontoado de pessoas perdidas num hedonismo descomedido, numa busca constante de preencher um vazio desolador, o qual faz o homem procurar diversos meios e formas para superá-lo e, no entanto, se encontra cada vez mais perdido e sem sentido para viver. O homem, que é imagem e semelhança de Deus, afastou-se de seu Criador, tornando-se independente, ou ainda deus de si mesmo. Enfim, tudo isso é produto de um mundo secularizado, imanente, no qual o mais importante é o indivíduo se saciar dos prazeres imediatos e viver no seu mundo, na sua zona de conforto sem se preocupar com o seu próximo e com a comunidade que ele pertence.

Entretanto, a filósofa judia-cristã Edith Stein nos convida – por meio da empatia, da fenomenologia e da filosofia cristã – a buscar um novo sentido de viver. E para tal, ela recorre a metafísica, a antropologia filosófica para compreender o homem, a criação mais perfeita de Deus. Assim, em nosso trabalho procuramos apresentar a dedicação de Stein referente ao estudo da pessoa humana, algo tão caro em sua vida, seja como pensadora, seja como monja carmelita. A doutora não mediu esforços para demonstrar em suas conferências e obras o valor da pessoa humana e o seu lugar no mundo.

Edith viveu num tempo em que o ódio e o rancor reinavam no mundo; duas guerras mundiais, nas quais milhares de pessoas e nações foram dizimadas pelo poder e o espírito de superioridade dos homens. Além disso, ela própria experimentou em vida essa barbárie, na qual muitos judeus morreram em campos de concentração e ela, não fugindo da sua cruz, enfrentou o mesmo calvário.

Stein poderia muito bem fugir desse fim trágico, contudo quis, juntamente com seu povo, vivenciar de fato a ciência da cruz.

Todavia, a filosofia de uma mulher canonizada pela Igreja talvez não faça tanto sentido nos grandes centros acadêmicos contemporâneos. Mas para nós é de suma importância trazer à tona o pensamento inovador de Santa Teresa Benedita da Cruz, pois ela, através da sua simpatia, simplicidade e sabedoria, nos propicia um novo olhar do mundo decaído pelo racionalismo e o niilismo e, concomitantemente, aborda uma nova visão de homem e de formação.

O homem é, para Edith Stein, um ser que possui um corpo-vivo (*Leib*) e não somente um corpo material (*Koper*), além disso, ele distingue dos animais por ser formado também de uma alma racional e de um espírito, o qual auxilia na decisão, no momento de avaliação e na opção de ter uma vida comedida e ética. Dessa forma, o homem é um indivíduo único e irrepetível, o qual pode desfrutar do mundo criado e do mundo espiritual, isto é, pode viver a transcendência.

Para Stein a pessoa humana tem um núcleo central onde emana a verdade de si mesmo, um centro a ser ouvido, conhecido, acolhido como fonte de autenticidade, como portador de uma verdade sobre a pessoa a ser revelada, como portador de uma estrutura da pessoa a ser respeitada e favorecida. Ademais a filósofa cristã entende que o mundo espiritual que plasma toda a realidade criada se enriquece por meio da contribuição das pessoas que colaboram autenticamente, com originalidade e coerência, com a sua própria estrutura pessoal, que se forma adequadamente a imagem conservada no íntimo da alma, pois é o íntimo da alma que possui o poder de formar a própria pessoa e é também a garantia da autorrealização, pois está ligada a uma imagem autêntica.

Por conseguinte, percebemos com este estudo o quanto é atual o pensamento de Edith Stein e o quanto os seus escritos podem colaborar para a formação do homem no mundo “pós-moderno”, pois preocupada justamente com a formação da pessoa humana, desejou que todos os formadores soubessem desde a raiz a estrutura do ser humano porque somente uma pessoa conhecedora de si mesmo poderá formar com dignidade o outro semelhante.

Destarte, no final deste trabalho encerramos citando os três tipos de pessoas classificados por Edith Stein em sua última obra *A ciência da cruz*, para ela há o *Genussmensch* (aquele que vive para o prazer), o *Ichmensch* (aquele

que egoisticamente é o centro de sua própria vida) e o *Wahrheitsmensch* (o homem que busca a verdade). Este último é aquele que busca continuamente a verdade, sabendo que nunca será completamente dono dela. Cabe, portanto, a cada homem buscar a verdade e, assim, se perfazer como pessoa humana que se preocupa consigo mesmo e com o próximo, colocando em prática não um altruísmo, mas sim uma alteridade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 21. ed. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006.

ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação antropologia filosófica*. Trad. Clío Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BECKER, Idel. *Pequena história da civilização ocidental*. 11. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

BELLO, A. Ales. *Edith Stein o dell'armonia: esistenza, pensiero, fede*. Roma: Edizioni Studium, 2009.

_____. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. *Pessoa e comunidade: comentários: psicologia e ciência do espírito de Edith Stein*. Trad. Miguel Mahfoud e Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010.

FABRETTI, Vitória. *Edith Stein: uma vida por amor*. Trad. Antônio E. Feltrin. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

FELDMANN, Christian. *Edith Stein: judia, ateia e monja*. Trad. Eurides Avance de Souza. Bauru: EDUSC, 2001.

GARCIA, J. Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

_____, J. Turolo. *Santa Edith Stein: da universidade aos altares*. Bauru: EDUSC, 1998.

_____, J. Turolo; SCIADINI, Patrício. *Edith Stein: holocausto para o seu povo*. São Paulo: Loyola, 1987.

JOAO PAULO II. *Fides et ratio*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

JULIA, Didier. *Dicionário da filosofia*. Trad. José Américo da Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1964.

KAWA, Elisabeth. *Edith Stein: a abençoada pela cruz*. Trad. Edson D. Gil. São Paulo: Quadrante, 1999.

KUSANO, M. Bar. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

LIMA VAZ, H. Cláudio. *Antropologia filosófica*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein: como o ouro purificado pelo fogo*. 3. ed. Aparecida: Santuário, 2001.

MONDIN, Batista. *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*. Trad. Benôni Lemos. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Introdução à filosofia: problemas, autores, obras*. Trad. J. Renard. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *O homem: quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. Trad. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 2005.

NEYER, M. Amata. *Edith Stein: su vida em documentos e imágenes*. Traducción española Teófanos Egido. Madrid: EDE, 1987.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

REIMER, I. Richter. *Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

RUS, Éric de. *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Trad. Isabelle Sanchis [et al.]. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

SBERGA, A. Aparecida. *A formação da pessoa humana em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.

SBERGA, A. Aparecida; MASSIMI, Marina. *A formação da pessoa em Edith Stein*. In: MAHFOUD, Miguel (Org.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

STEIN, Edith. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. D. Beda Kruse. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. *La estructura de la persona humana*. Trad. José Mardomingo. Madrid: BAC, 2002.

_____. *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Trad. Alberto Perez Monroy. México: Fondo de Cultura Economica, 1994.

_____. *Teu coração deseja mais: reflexões e orações*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2012.